– ÍNDICE –

NOTA INICIAL **07**
O autor sobre a obra e um pouco sobre o próprio autor

PREFÁCIO
Rico,
por João Maria Corte-Real de Menezes e Magalhães 11

Pobre,
por João Magalhães 13

INTRODUÇÃO
Rico 17
Pobre 19

RELIGIÃO **21**
Rico 22
Pobre 26

FUTEBOL **29**

PROFISSÕES **33**
Rico 34
Pobre 36

ARTE **41**
Rico 46
Pobre 47

RESTAURANTE **49**
Rico 50
Pobre 52

MODA **55**
Rico 56
Pobre 60

CRIANÇAS **63**
Rico 64
Pobre 66

AMOR **69**
Rico 71
Pobre 73

PRAIA **75**
Rico 76
Pobre 78

SUPERMERCADO **83**
Rico 85
Pobre 86

CASA **89**
Rico 90
Pobre 93

DOENÇA **95**
Rico 96
Pobre 97

VIAJAR **103**
Rico 104
Pobre 107

EDUCAÇÃO **113**
Rico 114
Pobre 118

FESTAS **121**
Rico 122
Pobre 129

CONCLUSÃO **133**

— INTRODUÇÃO —

RICO

Quando vai ao multibanco, costuma olhar para o extrato? Não? Então parabéns, é rico. Ai nem sequer usa multibanco nem nunca ouviu falar de extrato? Melhor ainda, compra tudo com cartão de crédito e não quer saber? Ou manda alguém comprar? Temos de conversar. O meu endereço de *e-mail* está algures nestas páginas. Comunique, combinamos um café. Eu levo boa disposição e o número da conta bancária.

É sobre si, parte deste livro. Mas já está habituado, com certeza. É a base de ser rico, as coisas são sobre nós. E, se não forem, nós compramos essas coisas, e agora nós é que somos sobre elas. Ou qualquer coisa do género.

Antes de prosseguir, quero dizer que reparei. Em quê? Levar apenas um miserável exemplar desta obra, acha bem? Seu sovina! Isto está a um preço razoável, é adquirir cultura, impulsionar a economia e promover um jovem talento em Portugal. Um talento em Portugal. Ajudar um tipo, pronto. Eh pá, pelo menos não obrigue

a senhora da caixa a trocar cem euros. Leve cinco. Prendas de anos, Natal, parecendo que não, ainda há muita data especial por esse ano fora. Costuma dar prendas no Ano Novo? Ouvi dizer que se dá agora. Depois não leva, passa vergonha, e estraga-lhe logo o ano inteiro. Siga lá embrulhar esta dúzia de exemplares.

E vamos lá saber, de onde vem o dinheirinho todo? Não tenha complexo de rico, nós gostamos de si aconteça o que acontecer. O que interessa é o que está por dentro. Na alma ou algures por aí.

Foi com trabalho? Que bem, um modelo de pessoa, uma lição de vida. Anos e anos a dar no duro, a subir o escadote corporativo; ou até numa empresa própria, criada com esforço e mantida com dedicação. Ou, noutros casos, não tinha jeito para nada em particular e, nos únicos dez segundos produtivos da sua existência, surgiu milagrosamente uma ideia que nunca ninguém teve, executou-a medianamente e pumba — sucesso. Que sorte do carambola. É legítimo, sim senhor, o sonho nacional. Fico contente.

É de família? Um avô no cimento, da altura em que o Salazar andava a construir prédios todos iguais ou o Cavaco alcatroava competentemente o país; ou pai médico de quando a profissão ainda era privilegiada e criou umas análises estranhas que agora só são usadas num hospital em Boston porque são demasiado caras para cá. Não refiro a mãe porque a geração dela, infelizmente, ainda fazia parte do género que não pensava muito bem, que tinha um cérebro mais pequeno e menores capacidades. Vá lá, não se vingou na vida e gastou tudo o que a família fez. Sobra, portanto, tudo para si. Que filho da portaria[4]. Tudo bem. Tenho a certeza de que investiu na formação e está empenhado em manter o bom nome de uma família distinta... Ah, não faz nadinha e anda só a viajar com o dinheiro dos pais? Seu cabedal. Que cresçam picos no cume. Ou ajude quem tem pouco, ao menos. Já encontrou o meu *e-mail*? Então diga qualquer coisa, caramba!

4 Este texto tem algumas alterações de última hora. Aparentemente o mercado, a editora e a sociedade não apreciam asneiras gratuitas em textos de livros. Assim, algumas palavras são diferentes do que eram originalmente, mas mal se nota.

— INTRODUÇÃO —

POBRE

Está infeliz? Então o mais certo é ser pobre. Eu reconheço a sensação: dores, cansaço que acumula nas ancas, um peso que transporta às costas — não é velhice, artrite ou lesão. Enfim, talvez seja. Vá ao médico, pelo sim, pelo não. Não pode? Claro, é pobre. Vai ficar sem saber. Ou morre disso ou de dúvida. É o inevitável destino do pé-rapado.

Mesmo que digam, para me fazer sentir feliz, que toda a gente morre, rejeito essa sugestão moderadamente alegre. Aliás, poderá pobre ser feliz? Ou será a felicidade de pobre, na verdade, a sua única solução[5]? Vou beber qualquer coisa para esquecer, já continuo.

5 Depois de ter feito duas questões sobre felicidade, esqueci-me de responder. Assim, a ligação entre o pobre digno — e a felicidade na pobreza — e o pobre indigno — que nunca conseguirá ser feliz na sua condição —, por muito óbvia que seja, passou-me. Mas, como aqui não se deixa passar nada, muito derivado da sobriedade e dignidade do pobre editor de texto, fica esclarecido.

Ora, importa então, nesta breve introdução, destacar que pobre não é todo igual. Além das diferenças anatómicas óbvias como cabelo, altura ou sujidade nas unhas, por exemplo, há uma distinção fundamental. Ora, pobre serão dois tipos de seres — os pobres inferiores e os pobres superiores.

Inferior é o falido digno. Aceita a condição de vida que tem, questionando apenas o que pode fazer para ser mais feliz e tornar mais feliz quem está à sua volta. Inqualificável. O truque, talvez, é a ignorância. Não saber exatamente o que quer dizer riqueza, quanto é, o que faz, como vive quem tem. Há quem diga que o truque é bondade, humildade, sabedoria, tranquilidade. E depois eu é que estou bêbedo[6]. Verdade seja dita, são gerações de bolsos vazios a fazer força. Apesar de vazios, são pesados ainda.

Por outro lado, pobre pode ser indigno. No bom sentido — há gente que acha que indigno pode ser no mau sentido! Invejoso, sim, mas ambicioso, também. Quer ascender no escadote socioeconómico. Trabalha com quem tem e também quer ter; já viu o que pode quem pode, e quer poder. É bela e perigosa, esta figura. Calculista, com planos e sugestões maquiavélicas. Daria com certeza um extraordinário livro, com certeza lucrativo. Fica o plano/sugestão.

Interessa aqui explorar o comportamento geral, não as características individuais. Assim, o ponto em que nos focamos é também o mais doloroso: a conta bancária a zeros. Podemos, na verdade, promover a mudança. Talvez formar um grupo. Que tipo de grupo, perguntará a alma perdida que me lê. Na verdade, pergunta esta alma corrupta também. Pensemos. Uma religião é cara, um partido político desgastante, uma empresa é pouco prática, um clube de futebol, talvez, mas da última vez que joguei parti um joelho. E, verdade seja dita, não tenho muita habilidade para treinador ou dirigente. Podemos sempre tentar roubar, mas neste país prendem-se os pobres que roubam. Se fôssemos ricos, podíamos ter dinheiro e roubar.

Voltamos à estaca zero, parece o nosso destino. Mas algo faremos, isso é certo, que as coisas têm de mudar. Comprar o livro foi um bom princípio. Para o resto, conversamos, não? Combinamos um sítio: o humilde leitor vai andando que eu depois vou lá ter.

---

6 Não estava, senhor leitor/advogado.